

QUEDA DO CÉU: UMA ESCATOLOGIA AMERÍNDIA

José Geraldo W. MARQUES

Sociedade Brasileira de Ecologia Humana, Juazeiro, Bahia, Brasil. E-mail: gmarquesuefs@gmail.com

Submitted: 30/03/2018; Accepted: 30/04/2018

KOPENAWA, Davi; ALLBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras; 2015. 730p

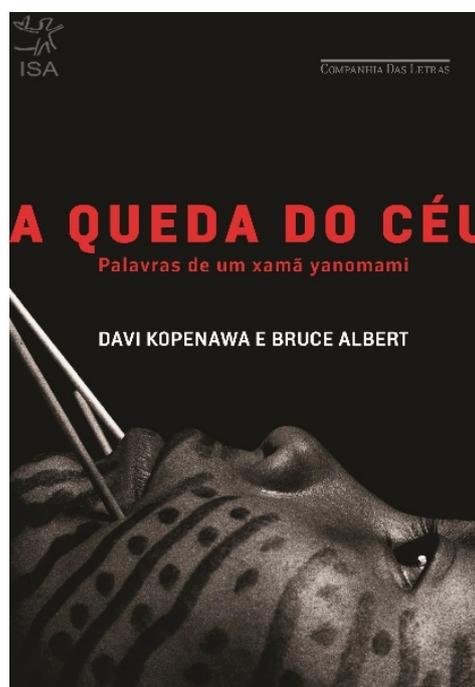
Trata-se de um dos livros mais impressionantes que já li em minha longa e persistente vida de leitor. Mas não se trata de um livro apenas para ser lido. É um livro para se ter. É para ser guardado na estante da mente e do coração, lugares em que seja possível reencontrá-lo sempre que necessário. Ao finalizar sua leitura a gente pode dele sair, mas ele, seguramente, tão cedo não sairá de nós. Digo isto com a experiência de quem a vive.

Conheci pessoalmente um dos seus autores (Davi Kopenawa Yanomami) após um ritual xamânico celebrado por ele e por Geraldo Yanomami na abertura do Parlamento da Terra, atividade paralela ao evento oficial da Eco-92 co-organizado por Darrell Posey e do qual participei oficial e ativamente. Foi mais que um encontro, uma benfazeja colisão talvez, principalmente por causa do abraço (fraterno? interno? xamânico?) com que nos entrelaçamos eu e o xamã Geraldo. Minha camisa branca ficou marcada (ia dizendo manchada, mas seria sacrilégio) pelo vermelho vívido dos urucuns.

Davi já era uma liderança indígena respeitável, de tal forma que naquela ocasião comemorava-se uma das suas maiores vitórias: a recém-demarcada terra indígena Yanomami pelo então Presidente Fernando Collor. Imagino o tamanho da alegria ameríndia de um indígena que nascera em um tempo em que nenhum branco adentrara ainda as suas terras e que vira em ondas sucessivas as literalmente mortíferas intromissões de missionários e garimpeiros.

Resenhar o seu livro neste momento reveste-se de extrema importância e atualidade, não obstante as múltiplas resenhas já feitas e bem feitas por resenhistas melhores que eu e em destacadas instâncias literárias nacionais e internacionais. Uma das primeiras que me chegaram às mãos, embora escrita em português e no Brasil, prenunciava a tradução futura do seu livro originalmente escrito em francês para a nossa língua. A importância atual relaciona-se com um maldito paralelismo. Na “Queda do Céu” descreve-se o terrível massacre Haximu, no qual garimpeiros do Brasil mataram de forma covarde e cruel 16 Yanomami, todos jovens, velhos, mulheres e crianças. Na imprensa atual, narra-se um outro massacre, desta vez com garimpeiros assassinando 10 pessoas, inclusive crianças, todas da etnia dos flecheiros. Suspeita-se inclusive de que os corpos tenham sido cortados ao meio e jogados no rio, a fim de apressar a sua decomposição e dificultar as investigações posteriores.

Falar em “seu livro”, no entanto, atribuindo-lhe única autoria, talvez não seja tão justo, pois há que se dar crédito a Bruce Albert, o antropólogo francês, que primeiro se fez amigo de



laços fortes e mútua confiança por muitos anos e que depois aceitou o pacto que Davi Kopenawa lhe propusera de transpor para a “pele de papel” a mensagem que os Yanomami teriam que passar para nós “o povo da mercadoria”, sobre o iminente fim do mundo, do nosso mundo comum, o qual estaria chegando aos limites da sua exaustão pela insanidade das nossas intromissões brancas e que só ainda não desaparecera soterrado pelo desabamento do céu por causa do saber xamânico Yanomami que a duras penas e às vésperas da própria extinção, ainda consegue sustentá-lo.

Do pacto surge um texto denso e extenso que brotou não apenas de muitas horas faladas por Davi, mas também de muitas horas de gravação, tradução, transcrição, montagem e transposição feitas por Albert, resultando disso tudo um discurso produzido até certo ponto de forma original e inédita. Na realidade conseguiu-se uma antropologia reversa, mostrando o que o outro pensa, interpreta e teoriza sobre nós. O discurso é todo narrado na primeira pessoa, na pessoa do indígena, mas o hercúleo trabalho de Albert legitima-o como co-autor, inclusive na capa e na ficha bibliográfica do livro, assim como de forma ética e responsável nas citações que viermos a fazer.

É o próprio Albert que nos fala de um texto e de paratextos, o que realmente é bastante cabível, pois embora a grande maioria das mais de 700 páginas comportem um texto com as falas do primeiro autor, antecedendo-o há um bem composto prefácio escrito pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e sucedendo-o há um *postscriptum* escrito pelo segundo autor, que bem vale por outro livro.

Viveiros de Castro expressa-se com entusiasmo ao dizer que na coleção *Terre Humaine*, da qual o livro na edição francesa faz parte, *A Queda do Céu* “brilha com uma intensidade talvez só comparável à do segundo volume da coleção, *Tristes Trópicos*”, o icônico livro de Lévi-Strauss. Ele ainda salienta a qualidade da primorosa tradução para o português feita por Beatrice Perrone-Moisés, no que é bastante justo.

No seu *postscriptum*, Albert explica e justifica o método que empregou para concretizar o pacto a que se propuseram os dois autores, deixando bem claro que as propostas metodológicas existentes não dariam conta para atingir os seus objetivos, motivo pelo qual ele ousou - e conseguiu bem! - navegar por águas nunca antes experimentadas. Ele refere-se à fabricação de um texto que é resultante de “levas de conversas” em uma longa pesquisa etnográfica dialogada.

Os dois peritextos acima referidos, embora deliciosos para quem tenha apetites e competências antropológicas, a meu ver, não são de leitura obrigatória para quem é movido somente por uma paixão etnográfica. Etnobiólogos principiantes, por exemplo, enquanto ainda amadurecem, podem dispensá-los ou adiar a sua leitura. O que nenhum etnobiólogo pode ignorar, no entanto, é o primoroso glossário etnobiológico, feito com competência e acurácia e apostado na periferia dentre os demais anexos.

É nesse glossário que deciframos etnobotânica e etnofarmacologicamente o significado da palavra *yãkoana* tão exaustivamente repetida ao longo do texto. Trata-se da árvore *Virola elongata*, ucuuba-vermelha, de cuja resina é fabricado um pó de uso enteogênico rico em dimetiltriptamina, graças ao qual um Yanomami pode tornar-se e manter-se xamã.

Davi Kopenawa passou pelo penoso processo de conversão xamanística, sendo iniciado pelo seu sogro, um xamã de poder que lhe confiou as regras a serem seguidas e também tornou-se um xamã poderoso, o que plenamente justifica o subtítulo do livro. Como xamã Yanomami, ele passou a usar a chave bioquímica que lhe abre a percepção para o contato com os *xapiris*, seres invisíveis aos nossos olhos comuns e que atendem, entre cantos e danças, aos chamados dos que neles se iniciam. Ele, portanto, é um dos responsáveis para que o céu ainda não tenha desabado sobre nós, como antes já acontecera. Daí, o seu senso de responsabilidade e a sua preocupação, pois somente os xamãs yanomami teriam a capacidade de nos livrar de uma escatologia possível e talvez já em curso. E se eles forem extintos?

A extensa e intensa fala apresentada na primeira pessoa torna o texto muito próximo de uma autoetnografia de Xamã, mas à medida que dela nos apropriamos, emerge um alguém que é muito mais que isto. Passamos a nos perguntar: quem é este ecósofo, este poeta, este desenhista, este pensador de peso, este teólogo, este etnohistoriador? A elegância da fala tenta-nos a pensar que se trate mais de uma trans/criação do que de uma simples transcrição, mas... concedamos crédito ao antropólogo, ele merece!

Como autoetnografia, evidencia-se uma vida acidentada, mesmo sofrida. Uma vida que funciona como uma fornalha, de onde finalmente emerge a joia preciosa de uma personalidade marcada e marcante, enfim de um grande Homem, orgulho da e para a sua etnia e também para todos. Uma pessoa com a qual nós, os transmissores das epidemias *xawara*, permaneceremos em débito para sempre. Sua iniciação xamânica, processo que inclusive reduziu-lhe drasticamente o peso, foi de um sofrimento atroz. Seu mergulho no mundo branco da FUNAI, inclusive como funcionário do órgão, foi sem dúvida traumático. Seu tratamento de tuberculose num hospital de Manaus deve ter-lhe doído bastante. Nada, porém, deve ter sido comparável à sua decepcionante conversão ao cristianismo.

Foi na conversão / imersão que os missionários norte-americanos batizaram-no com o nome judaico / cristão **Davi**, assumido por ele para o resto da vida como estratégia identitária, pois entre os Yanomami há um fortíssimo tabu relacionado com o nome próprio da pessoa, o qual

nunca deve ser pronunciado na presença de quem o recebe. Foi após uma epidemia de sarampo atribuída ao retorno de um missionário, que o “cristão novo” Davi afastou-se de *Teosi* (Deus na sua forma de pronunciar) e retornou ao seu reverenciado *Omama*, o demiurgo que nos criou a todos, brancos, índios e *xapiris*, bem como as Terras que podem suceder-se em camadas com os seus respectivos céus, os quais sobre elas podem desabar na dependência das nossas maldades.

Davi Kopenawa. *Kopena* é o nome do espírito da floresta encarregado de ser guardião das vespas. Em sua primeira ingestão de *yãkoana* foi a imagem desses insetos que se apresentou para ele, sendo, assim, o apelido que a floresta lhe dava para que fosse um dos seus ferozes guardiões. Valente como as vespas. Prefiro usar a palavra valente ao invés de feroz, como contraponto à espúria imagem de ferocidade geral para os Yanomami que decorreu do infeliz título do grande sucesso editorial que foi o livro do feroz Napoleon Chagnon intitulado *The Fierce People* (“O Povo Feroz”).

Davi Kopenawa Yanomami. Yanomami, foi um nome escolhido após a iniciação xamânica, sendo-lhe um apelido de pajé acrescentado para que o agora xamã fosse ligado ao seu povo. Em língua yanomami esta palavra quer dizer simplesmente humanos, o que talvez, como acontece com outras etnias, nos exclua. Antropologicamente falando, cabe perguntar: seriam eles nós e nós seríamos os seus outros, num processo de alteridade inversa? Seria assim? Mas... ao raciocinarmos desse jeito, não podemos deixar de levar em conta também Viveiros de Castro e seu perspectivismo ameríndio, pois segundo o mesmo, na visão indígena, o estado de ser “humano” seria compartilhável entre todos os seres.



Figura 2: José Geraldo Marques abraçando Geraldo Yanomami. Ao seu lado, Davi Kopenawa Yanomami. Foto tirada após um ritual xamanístico relacionado com os *xapiris* no final da abertura do Parlamento da Terra na Eco-92.

Em recente entrevista concedida à revista Cult, Davi Kopenawa Yanomami, já tarimbado em ser recebido por Presidentes da República, disse o seguinte:

“Eu conheço a Dilma, apesar dela não ter trabalhado muito pelo nosso povo, conheço a alma dela, a imagem dela. Agora, esse atual presidente nunca vi, ele nunca falou com meu povo, não se interessa por nossa palavra. Me parece sem raiz, colocado ali apenas por grupos de amigos.”

Pois é Davi: ele está apressando a queda do céu e por coincidência (?) começando exatamente pela Amazônia e pelo retrocesso da política indigenista.

Finalizando: o meu encantamento e o meu envolvimento foram tais com a leitura feita que, embora como regra geral eu desaconselhe o receitar-se livros, no caso presente não tenho dúvida: receito-o. Serve como antídoto, profilático e terapêutico! E por último confesso... digo ou não digo? ... Vou criar coragem e vou dizer, sim. Digo. Preparem-se: agora, eu já não tenho certeza alguma de que os *xapiris*, com os seus alegres sons de chegada, não existam... Parafraçando Shakespeare: - *Há mais coisas, caro Horácio, entre o céu que cai e a Terra destruída, do que imagina a nossa vã etnobiologia!*